CPAD

# ELE AINDA REMOVE PEDRAS



*Você também precisa de um milagre*

MAX LUCADO

# ELE AINDA REMOVE PEDRAS

# ELE AINDA REMOVE PEDRAS

*Você também precisa de um milagre*

MAX LUCADO

Tradução: Emirson Justino

CPAD

Todos os direitos reservados. Copyright © 2003 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *He Still Moves Stones*
Word Publishing, Dallas, Texas, EUA
Primeira edição em inglês: 1993

Tradução: Emirson Justino
Preparação dos originais: Luciana Alves
Revisão: Kleber Cruz
Capa: Flamir Ambrósio
Adaptação de projeto gráfico e editoração: Olga Rocha dos Santos

CDD: 242 - Devocional
ISBN: 85-263-0543-3

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

**Casa Publicadora das Assembléias de Deus**
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

9ª impressão/2010

*À Família Oak Hills.*

*Que continuemos a crescer juntos;*
*e que, juntos, possamos continuar a crescer.*

# Agradecimentos

Escrever um livro e atravessar o deserto são coisas muito parecidas. Grandes extensões de terra seca e plana são ocasionalmente marcadas por poços de inspiração. Este é um pequeno agradecimento aos queridos amigos que fizeram com que essa jornada fosse tão agradável. Obrigado por não reclamar enquanto estávamos na areia e por celebrar quando estávamos no oásis.

À minha assistente, Karen Hill. Você faz mais do que organizar o escritório e editar aquilo que escrevo. Você preserva a minha sanidade!

À minha editora, Liz Heaney. Tal como uma boa cirurgiã, seu julgamento é penetrante e seu bisturi, afiado.

À família da Word Publishing. A cada um de vocês: editores, artistas, secretárias, recepcionistas, equipe de vendas e aqueles que tomam decisões. Vocês são os melhores.

A Roy e Barbie Johnston. Obrigado por me emprestar sua cabana em Horseshoe Bay.

Ao diretor-executivo da UpWords Steve Green. Ninguém pode fazer o que você faz do jeito que você faz. Somos devedores a você.

A minha esposa, Denalyn. O que mais posso dizer? Você é a luz da estrela e eu sou Galileu. Seu brilho ainda me atordoa.

E, a você, leitor, reservo a minha saudação final.

Para alguns de vocês, este livro marca o nosso décimo encontro (feliz aniversário!). Para outros, este é o nosso primeiro encontro (prazer em conhecê-lo!). Para a maioria, estamos em algum lugar entre as duas extremidades (que bom ver você de novo!).

Você está prestes a me dar um dos bens mais preciosos: o seu tempo. Vou fazer de tudo para ser um bom mordomo. Embora escrever um livro possa ser semelhante a uma jornada pelo deserto, o ato de ler um livro não deveria ser. Ele deveria ser uma pausa para descanso num oásis. Espero que assim seja.

Beba com vontade.

Max Lucado

# Sumário

*Agradecimentos* ..... **vii**

1 Caniços Rachados e Pavios Fumegantes ..... **1**

*O Caniço Rachado*

2 Inocente ..... **11**
*Vencendo a Vergonha*

3 Não Perca a Festa ..... **21**
*A Prisão da Amargura*

4 Quando Você não se Entende bem com seus Parentes ..... **31**
*Lidando com Parentes Difíceis*

5 Não Há Problema em Sonhar de novo ..... **43**
*Enfrentando o Desânimo*

6 Leite Azedo ..... **51**
*Vencendo uma Atitude Ruim*

7 Um Enorme Pressentimento e uma Grande Esperança ..... **61**
*Genuínas Atitudes de Fé*

8 Eternamente Jovem ..... **71**
*Como Gostar de Ficar Velho*

9 Leia a História ..... **81**
*Quando as Pessoas Decepcionam Você*

## *O Pavio Fumegante*

10 O Poder de uma Oração Tímida ..... **97**
*Quando Você Fica Pensando se suas Orações São Importantes*

11 Luzes Brilhantes em Noites Escuras ..... **109**
*Quando Você não Tem Escolha*

12 A Coisa mais Difícil que Deus já Fez ..... **123**
*Compreendendo as Prioridades de Deus*

13 Aquilo que Somente Deus Pode Fazer ..... **135**
*Quando Você É Preso pelo Legalismo*

14 Graça Galiléia ..... **147**
*Quando Você Decepciona a Deus*

15 A Ternura de Deus ..... **157**
*Quando Você se Pergunta se Deus se Importa*

16 O Louco que Virou Missionário ..... **167**
*Quando Você se Vê diante do Mal*

17 Vendo o Invisível ..... **179**
*Quando Você Tem Medo do Futuro*

18 A Oração de José ..... **191**
*Quando Você Fica Confuso com as Ações de Deus*

19 A Realidade da Sepultura ..... **201**
*Compreendendo a Morte*

20 Cristianismo Indiferente ..... **213**
*Quando Ser Bom não É Suficiente*

21 A Galeria do Removedor de Pedras ..... **223**

I

# Caniços Rachados e Pavios Fumegantes

*"Não quebrará o caniço rachado, não apagará o pavio fumegante..."*

Mateus 12.20 – NVI

Imagine uma tarde de sábado fria em outubro. Você já fez tudo o que precisava ter feito naquele dia. Sua tarde se mostra totalmente livre de obrigações. Tardes livres não são tão freqüentes como costumavam ser e, portanto, você analisa suas opções para aquele dia. Você pega um papel e começa a anotar algumas idéias. Um filme? Não está passando nada interessante no cinema. Televisão? Posso assisti-la a qualquer hora. Espere. O que é isso? Um anúncio no jornal chama sua atenção.

Exposição Especial de Arte
"Caniços Rachados e Pavios Fumegantes"
Sábado, das 14 às 16 horas
Biblioteca Lincoln

Humm... Já faz algum tempo que você não vê uma boa exposição de arte. Caniços Rachados e Pavios Fumegantes? Provavelmente

alguma coisa relacionada à natureza. Além do mais, caminhar vai fazer bem. Você resolve ir. Deixa o jornal de lado, coloca um sebretudo e pega as luvas, pois está frio.

Você é recebido pelo cheiro de mofo dos livros enquanto cruza a porta da biblioteca. Por detrás do balcão, a bibliotecária usa um coque e tem um lápis atrás da orelha. Uma estudante com uma mochila colocada ao lado dos pés procura um livro numa gaveta repleta de fichas. Uma mesa cheia de velhos exemplares da revista *Life* se mostra como algo bastante interessante. Você começa a ler a edição que tem o presidente Truman na capa, mas um cartaz na parede relembra a razão pela qual você chegou ali. Nele está escrito: "Caniços Rachados e Pavios Fumegantes", com uma seta apontando para uma porta. Você atravessa aquele corredor e abre uma pesada porta dupla de madeira a fim de entrar num outro ambiente.

É uma sala com decoração bastante pessoal — não é maior que uma sala de escritório. Está repleta de prateleiras encostadas nas paredes, todas lotadas de livros. Um pedaço de lenha estala na lareira e duas poltronas com encostos bem aconchegantes convidam você a passar uma tarde na companhia de um bom livro. *Talvez mais tarde*, você pensa. *Primeiro, a arte*.

Existem várias pinturas colocadas naquela sala. Todas estão emolduradas. Todas possuem cores vivas, e estão apoiadas em cavaletes, uma de costas para a outra. Você tira as luvas, coloca-as no bolso do casaco, pendura seu sobretudo num mancebo e caminha em direção à primeira pintura.

É o retrato de um leproso, colocado no plano central da moldura. Ele está inclinado para frente como se fosse um corcunda. Sua mão sem dedos, enrolada em trapos, se estende na sua direção, implorando. Um pano esfarrapado esconde todo o seu rosto, exceto um par de olhos cheios de dor. A multidão ao redor do leproso está

num verdadeiro caos. Um pai está agarrando um filho curioso. Uma mulher tropeça em seus próprios pés enquanto tenta fugir. Um homem olha por cima de seu próprio ombro no momento em que está correndo. As palavras do leproso definem o título da pintura: "Se você quiser, você pode..."

O próximo quadro retrata o mesmo leproso, mas a cena mudou dramaticamente. O título tem apenas duas palavras: "Eu quero". Nesta cena, o leproso está em pé, ereto. Ele está olhando para sua própria mão estendida — e ela tem dedos! O véu não mais está em seu rosto, e ele está sorrindo. Não existe uma multidão; somente uma outra pessoa está ao lado daquele leproso. Você não pode ver sua face, mas pode ver sua mão sobre os ombros daquele homem que foi curado.

— Isto não é uma mostra de pinturas sobre a natureza — você sussurra para si mesmo, enquanto caminha em direção ao próximo quadro.

Neste quadro, o pincel do artista capturou a imagem de uma mulher em pleno ar, pulando de um lado para o outro de um abismo. Suas roupas estão esfarrapadas. Seu corpo é frágil e sua pele é pálida. Ela parece anêmica. Seus olhos estão desesperados, enquanto suas mãos se movem em direção às paredes do abismo. No outro lado do precipício está um homem. Tudo o que você vê são suas pernas, suas sandálias e a barra de suas vestiduras. Na parte inferior da pintura estão escritas as palavras da mulher: "Se eu pudesse..."

Você se apressa para ver a cena seguinte. Agora, ela está em pé. O chão sob seus pés descalços é sólido. Sua face está cheia de vida. Seu olhar de cautela se volta para as pessoas que a cercam, fazendo uma meia-lua. De pé, ao seu lado, está aquEle a quem ela buscava tocar. A legenda? As palavras dEle: "Tenha ânimo..."

O próximo quadro é surrealista. A face contorcida de um homem domina toda a tela. Cabelos cor de laranja fazem contraste com um

fundo lilás. Seu rosto está voltado para baixo e tem o formato semelhante ao de uma pêra. Os olhos são duas fendas perpendiculares nas quais milhares de pequenas pupilas estão pulando. A boca está aberta, como que congelada em um grito. Você percebe algo estranho — existem vários seres dentro dela! Suas vozes desesperadas estão representadas na legenda: "Juro por Deus que você não vai me torturar!"

Fascinado, você se dirige para o próximo quadro. É o mesmo homem, mas agora suas feições estão recompostas. Seus olhos não têm mais aquela aparência selvagem, estão arredondados e calmos. A boca está fechada e a legenda explica aquela paz repentina: "Liberto". O homem está inclinado para frente como se estivesse ouvindo atentamente. Sua mão está sob o queixo, e pendendo de seu pulso está uma algema e uma corrente — na verdade, uma corrente quebrada.

Em outro quadro, uma mulher com poucas roupas está amedrontada diante de uma multidão de homens furiosos que a ameaçam com pedras. No quadro seguinte, as pedras estão no chão, sem apresentar qualquer perigo, espalhadas num local ocupado apenas por uma mulher perplexa e um homem sorridente que está em frente de alguns desenhos feitos na areia.

Numa outra pintura, um paralítico deitado numa maca implora a seus amigos para que não desistam ao verem uma casa cheia de gente. No próximo quadro, a maca está sobre os ombros daquele rapaz, enquanto ele sai pela porta da casa.

O outro quadro mostra um homem cego gritando diante de um rabi. Na pintura seguinte, ele se curva diante daquEle a quem chamava aos gritos.

Por toda a galeria, a seqüência se repete. Sempre existem dois quadros: um de uma pessoa em grande dificuldade e outro da mesma pessoa em paz. Os testemunhos do "antes" e "depois" de um encontro que transformou suas vidas. Sempre há uma cena de se-

renidade eclipsando a tristeza. O propósito derrotando a dor. A esperança brilhando muito mais do que o sofrimento.

No centro da sala, porém, existe uma pintura solitária. Ela é diferente de todas as outras. Não existem rostos. Não há sequer pessoas. O artista mergulhou seu pincel numa antiga profecia e desenhou dois objetos simples: um caniço e um pavio.

> "Não quebrará o caniço rachado, não apagará
> o pavio fumegante..."
> Mateus 12.20 – NVI

Existe algo mais frágil do que um caniço rachado? Imagine um caniço rachado à beira d'água. Aquilo que uma vez foi um talo de cana firme e alto, está agora dobrado e partido.

Você é um caniço rachado? Faz muito tempo que você deixou de ser altivo, orgulhoso? Você estava erguido e esbelto, nutrido pelas águas, tendo suas raízes firmadas no leito da confiança.

Então, alguma coisa aconteceu. Você foi rachado...

por palavras duras,

pela ira de um amigo,

pela traição de um cônjuge,

por seu próprio fracasso,

pela rigidez da religião.

Você foi ferido e, desde então, está sendo dobrado. Era um talo erguido, mas agora está curvado, escondido no meio do junco.

Pense no pavio fumegante de uma vela. Será que existe alguma coisa mais próxima da morte do que um pavio fumegante? Antes, aceso; agora, trêmulo e enfraquecido. Ainda está quente em função das paixões de ontem, mas não existe mais fogo. Não está frio, mas está longe de produzir calor. Já faz muito tempo que você se inflamou na fé? Lembra-se de como você iluminava o caminho?

Então veio um vento... o vento frio, o vento cortante. Eles disseram que suas idéias eram tolas. Falaram que seus sonhos eram muito altos. As pessoas o repreenderam por você estar desafiando aquilo que já estava estabelecido.

O vento constante desgastou você. Sim, você permaneceu forte por alguns momentos (ou talvez por toda a vida), mas aquela tormenta infindável soprou sobre a chama bruxuleante, deixando você a um passo da escuridão.

O caniço rachado e o pavio fumegante. A sociedade sabe o que fazer com você. O mundo reservou um lugar para aqueles que foram abatidos. O mundo vai esmagar você; o mundo vai terminar de apagar o seu pavio.

Mas os artistas das Escrituras proclamam que Deus não vai fazer isso. Pintado em um quadro atrás do outro está o toque carinhoso de um Criador que tem um lugar especial para os abatidos e os fracos do mundo. Um Deus que é amigo daquele que tem o coração ferido. Um Deus que realiza seus sonhos. Este é o tema do Novo Testamento.

Este é o tema daquela galeria de arte.

Vamos passear pela galeria juntos. Vamos ponderar sobre as ocasiões quando Cristo se encontrou com as pessoas nos momentos em que elas passavam por grande dor. Veremos a profecia se cumprindo. Veremos os caniços rachados sendo fortalecidos e os pavios fumegantes sendo acesos.

É uma grande coleção de quadros. A propósito, seu retrato também está nessa galeria. Vá em frente, olhe para ele. Está logo ali, ao lado. Assim como os outros, existem dois cavaletes. Porém, ao contrário de todos os outros quadros, aquelas telas estão em branco. Seu nome está na parte inferior. Ao lado do cavalete existe uma mesa com tinta e pincel...

# O Caniço Rachado

Ele está lá, firme.
É alto e está seguramente erguido.
Mas isto foi antes do impacto implacável da forte chuva.
Agora, ele está rachado, curvado, enfraquecido.
Está à espera de dedos carinhosos que o fortaleçam e não o quebrem.
Precisa de um toque firme para ser curado, não para ser ferido.
Poder carinhoso.
Força suave.
Existe uma mão assim?

# 2

# Inocente

## *Vencendo a Vergonha*

*Porém Jesus foi para o monte das Oliveiras. E, pela manhã cedo, voltou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava. E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando, e, na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? Isso diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar.*

*Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra. E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra.*

*Quando ouviram isso, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficaram só Jesus e a mulher, que estava no meio. E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?*

*E ela disse: Ninguém, Senhor.*

*E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais.*

João 8.1-11

*"Nem eu também te condeno..."*

João 8.11

Rebecca Thompson caiu duas vezes da ponte sobre o vale Fremont. Ela morreu ambas as vezes. A primeira queda partiu seu coração; a segunda, seu pescoço.

Rebecca tinha apenas 18 anos de idade, quando ela e sua irmã Amy, de 11 anos, foram raptadas por dois bandidos perto de uma loja na cidade de Casper, no Estado norte-americano do Wyoming. Eles as conduziram à força cerca de 60 quilômetros ao sudoeste, rumo à ponte que ficava sobre o vale Fremont — uma estrutura metálica de apenas uma pista, que se eleva a quase 36 metros acima do rio North Platte.

Os homens espancaram e violentaram Rebecca. De alguma forma, ela os convenceu a não fazerem o mesmo com a sua irmã. As duas foram jogadas da ponte em direção àquele desfiladeiro. Amy morreu ao chocar-se em uma rocha perto do rio; Rebecca, porém, ao ser empurrada, bateu em uma das bordas da ponte e foi lançada em águas mais profundas.

Com a bacia fraturada em cinco lugares, ela se esforçou muito até conseguir chegar à margem do rio. Para proteger seu corpo do frio, abrigou-se entre duas rochas e esperou o amanhecer.

Entretanto, o amanhecer nunca chegou para Rebecca. O sol aos poucos ia nascendo e ela, então, foi encontrada. Os médicos trataram suas feridas e os tribunais conseguiram punir seus agressores, prendendo-os. A vida continuou, mas o amanhecer nunca chegou.

A escuridão de sua noite de horror perdurou. Ela jamais foi capaz de sair daquele vale. Desse modo, em setembro de 1992, após dezenove anos, Rebecca retornou àquela ponte.

Apesar das súplicas de seu namorado, ela dirigiu a aproximadamente 110 km/h até o rio North Platte. Com seu namorado e sua filha de dois anos ao lado, sentou-se à beira da ponte sobre o vale Fremont e chorou. Em meio às lágrimas, ela recontou toda a história. Seu namorado não queria que a criança visse sua mãe chorar; assim, a levou para o carro.

Foi durante esse curto espaço de tempo que ele ouviu um ruído; era o corpo da namorada batendo na água.

Nesse momento, Rebecca Thompson sofreu sua segunda morte. O sol nunca nasceu na noite escura da vida de Rebecca. Por quê? O que estava eclipsando a luz de seu mundo?

Medo? Talvez. Ela testemunhara contra os homens no tribunal, apontando-os como os culpados. Um dos assassinos, com um sorriso malicioso, caçoou dela, passando seus dedos pela garganta, como se a estivesse cortando. No dia de sua morte, os homens foram postos em liberdade condicional. Talvez o medo de um segundo encontro fosse grande demais.

Seria ódio? Ódio contra os estupradores? Ódio contra aqueles que os colocaram em liberdade condicional? Ou ódio para consigo mesma? Ódio contra as milhares de quedas nos milhares de pesade-

los que se seguiram? Ódio para com Deus, por um vale que ficou ainda mais profundo, por uma noite que ficou ainda mais escura e uma manhã que nunca chegou?

Seria culpa? Alguns acham que sim. Apesar do sorriso atraente e da personalidade agradável de Rebecca, os amigos diziam que ela tinha dificuldades com o fato de ter sobrevivido e de sua irmã mais nova ter morrido.

Seria vergonha? Todas as pessoas que ela conhecia e milhares de outras desconhecidas ouviram os detalhes humilhantes de sua tragédia. O estigma estava tatuado profundamente com as tintas do jornal que escreveu cada uma das notícias. Ela fora raptada, violentada e envergonhada. E, como pôde, ela se esforçou para continuar a viver e superar as lembranças... mas nunca conseguiu.

Assim, dezenove anos depois, ela voltou àquela ponte.

Os vales da vergonha são profundos. Desfiladeiros de culpa infindável. Paredes ornamentadas com os tons cinza e verde da morte. Ecos de gritos intermináveis. Coloque suas mãos sobre seus ouvidos. Jogue água na face. Pare de olhar por sobre seu ombro. Tente esquecer as tragédias de ontem — seus tentáculos são mais compridos do que a esperança que você tem. Eles podem levá-lo de volta à ponte da tristeza para ser envergonhado muitas e muitas vezes.

Se fosse sua culpa, seria diferente. Se você fosse o responsável, poderia pedir desculpas. Se a tragédia ocorrida na ponte tivesse sido provocada por um erro seu, poderia responder por seus atos. Mas você não foi até lá voluntariamente. Você foi a vítima.

Há momentos em que sua vergonha é particular. Você é levado ao extremo por um cônjuge que pratica abuso contra você. É molestado por um pai pervertido. É seduzido por um superior aproveitador. Ninguém sabe disso, mas você sabe, e isso é o suficiente.

Em outros momentos, tudo se torna público. Pode ser um divórcio não desejado. O acometimento de uma doença não esperada. Uma deficiência física que não foi você quem provocou. Quer a vergonha esteja realmente diante dos seus olhos ou simplesmente na sua imaginação, você precisa lidar com ela. Você está marcado: um divorciado, um inválido, um órfão, um portador do vírus da AIDS.

Seja em público ou em particular, a vergonha é sempre dolorosa e permanecerá, caso você não saiba lidar com ela. Se não buscar ajuda, o amanhecer nunca chegará.

Você não vai ficar surpreso se eu disser que existem Rebeccas Thompson em todas as cidades, e que em todo lugar existem pontes sobre o vale Fremont. Também existem muitas Rebeccas na Bíblia. Na verdade, existem tantas que parece que as páginas das Escrituras são costuradas com suas histórias. Você já encontrou muitas delas neste Livro. Todas estão muito acostumadas com o duro chão do vale da vergonha.

No entanto, existe uma mulher cuja história engloba todas elas. Uma história de fracasso. Uma história de abuso. Uma história de vergonha.

Mas também é uma história de graça.

Ali está ela, a mulher em pé no centro do círculo. Os homens que a cercam são líderes religiosos. São chamados de fariseus. Eles mesmos se nomearam como guardiães dos bons costumes. Também existe um outro homem, um que está vestido com roupas simples, sentado no chão, olhando para o rosto da mulher. É Jesus.

Jesus estivera ensinando.

A mulher estivera enganando.

E os fariseus estavam ali para dar fim a ambos.

"Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando" (Jo 8.4). A acusação ressoa para fora dos tribunais.

"Foi apanhada... adulterando". Só as palavras em si já são capazes de fazer você corar. As portas foram escancaradas. As cobertas foram arrancadas.

"No próprio ato". Ali, abraçada. No exato momento.

"Apanhada". Ahá! O que temos aqui? Este homem não é seu marido. Coloque suas roupas! Nós sabemos o que fazer com mulheres como você!

Num instante ela foi arrancada da paixão privada para o espetáculo público. As cabeças apareciam em todas as janelas enquanto tais homens a arrastavam pelas ruas. Os cachorros latiam. A cidade inteira estava olhando. Agarrando um fino véu sobre seus ombros, ela esconde sua nudez.

Mas nada pode esconder sua vergonha.

A partir daquele momento, ela seria conhecida como a mulher adúltera. Quando fosse ao mercado, as mulheres comentariam. Quando passasse pela rua, as cabeças se voltariam para o outro lado. Quando seu nome fosse mencionado, as pessoas se lembrariam.

Os fracassos morais são facilmente lembrados.

Contudo, o que é mais ridículo passa despercebido. O que a mulher fez é vergonhoso, porém o que os fariseus fizeram foi desprezível. De acordo com a Lei, o adultério era punido com a morte, mas apenas se duas pessoas tivessem testemunhado o fato. Era preciso haver duas testemunhas oculares.

Pergunto: Qual a probabilidade de duas pessoas serem testemunhas oculares de um adultério? Quais são as chances de duas pessoas, de manhã cedo, encontrarem subitamente um homem e uma mulher em abraços proibidos? É improvável. Todavia, se isso acontecer, há muita chance de não ter sido uma simples coincidência.

Assim, somos levados a pensar. Por quanto tempo aqueles homens ficaram olhando pela janela antes de entrarem no local? Por quanto tempo eles ficaram espreitando por trás das cortinas até que se revelassem?

E quanto ao homem? O adultério exige a participação de duas pessoas. O que aconteceu com ele? Será que fugiu?

As evidências deixam poucas dúvidas. Era uma armadilha. Ela fora pega. Mas logo descobriria que ela não era a presa — era apenas a isca.

"Na lei, nos mandou Moisés que as tais [mulheres] sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?" (v. 5)

Como eram convencidos os membros daquele nobre comitê de ética. Muito orgulhosos de si mesmos, esses agentes da retidão. Este será um momento do qual eles se lembrarão por muito tempo: a manhã em que pegaram e derrotaram o poderoso Nazareno.

E quanto à mulher? Bem, ela era secundária. Era simplesmente um peão no jogo. Seu futuro? Isso não era importante. Sua reputação? Quem se importa se for arruinada? Para eles, ela era uma parte necessária de seu plano, mas totalmente descartável.

A mulher olha para o chão. Seus cabelos suados caem sobre os ombros. Suas lágrimas escorrem diante de tamanho sofrimento. Seus lábios estão apertados e sua boca, cerrada. Ela sabe que foi apanhada. Não adianta buscar ajuda. Nunca receberá nenhuma misericórdia. Ela olha para as pedras nas mãos dos homens. Eles apertam com tanta força que seus dedos estão esbranquiçados.

Então, pensa em correr. Mas para onde? Poderia alegar maus-tratos. No entanto, para quem? Poderia negar o fato, mas fora vista. Poderia clamar por misericórdia, mas aqueles homens não estavam dispostos a lhe oferecer tal piedade.

A mulher não tinha para onde ir.

Você poderia esperar que Jesus se levantasse e proferisse um julgamento contra aqueles hipócritas. Todavia, Ele não fez isso. Poderia até esperar que Ele tomasse a mulher e os dois se teletransportassem para a Galiléia. Mas não foi isso o que aconteceu. Você também poderia imaginar que um anjo desceria do céu e falaria alguma coisa ou que a terra tremeria. Não, não foi nada disso.

Mais uma vez, o movimento de Jesus é sutil.

Porém, uma vez mais, sua mensagem é clara.

O que Jesus faz? (Se você já sabe a resposta, finja que não sabe e se surpreenda!)

Ele escreve na areia.

Ele se curva e começa a desenhar na terra. Os mesmos dedos que gravaram os mandamentos do Sinai e escreveram o aviso na parede da sala de banquete de Belsazar, agora rabiscam o chão. Enquanto escreve, Ele fala: "Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela" (v. 7).

Os jovens olharam para os velhos. Os velhos olharam para dentro de seus corações. Eles são os primeiros a deixar as pedras caírem ao chão. Conforme se viram para ir embora, os jovens, tomados do mesmo sentimento, fazem a mesma coisa. O único som que se houve é o da batida das pedras no chão e o dos passos daqueles que estão se retirando.

Jesus e a mulher são deixados sozinhos. Sem o júri, a sala do tribunal se transforma no gabinete do juiz e a mulher espera seu veredicto. *É certo que Ele está preparando um sermão. Sem dúvida vai querer que eu peça desculpas.* Mas o Juiz não fala. Sua cabeça está baixa; talvez ainda esteja escrevendo alguma coisa na areia. Ele parece surpreso quando percebe que a mulher ainda está ali.

— Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?

— Ninguém, Senhor.

Então, disse-lhe Jesus:

— Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais (vv. 10,11).

Se você já se maravilhou com o modo como Deus reage quando você fracassa, coloque essas palavras num quadro e pendure-o na parede. Leia este quadro. Pondere sobre ele. Beba dele. Coloque-se diante dele e deixe que sua mensagem lave a sua alma.

Ou, melhor ainda, leve-o consigo para o seu vale da vergonha. Convide Cristo a fazer uma jornada de volta à ponte do vale Fremont do seu mundo. Permita que Ele se coloque ao seu lado, enquanto você torna a contar todos os eventos das noites mais escuras de sua alma.

Depois disso, ouça. Ouça atenciosamente. Ele está falando.

"Eu não julgo a sua culpa".

Depois, assista. Assista com atenção. Ele está escrevendo. Está deixando uma mensagem. Não na areia, mas numa cruz.

Não com sua mão, mas com seu sangue.

Sua mensagem é composta por uma única declaração: inocente.

# 3

# Não Perca a Festa

## *A Prisão da Amargura*

*E o seu filho mais velho estava no campo; e, quando veio e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado.*

Lucas 15.25-32

*"Mas [o filho mais velho] se indignou e não queria entrar."*

Lucas 15.28

O caso do irmão mais velho.

É uma situação difícil, pois ele parecia ser tão bom. Seu quarto estava sempre arrumado e seu nariz, sempre limpo. Era honesto e cumpria todas as suas tarefas. Seu currículo? Impecável. Sua reputação? Totalmente limpa. E quanto à lealdade? Enquanto seu irmão caía nas extravagâncias da mocidade, ele ficou em casa e se entregou ao trabalho.

Por fora, ele era tudo o que um pai poderia desejar de um filho. Porém, por dentro, estava amargurado e deprimido. Foi vencido pelo ciúme. Consumido pela ira. Cegado pela amargura.

Você se lembra da história. Esta talvez seja a mais conhecida de todas as parábolas de Jesus. É a terceira das três histórias presentes no capítulo 15 do Evangelho de Lucas; três histórias sobre três festas.

A primeira começou depois que um pastor encontrou uma ovelha que havia perdido. Ele tinha outras 99. Poderia ter ficado contente por simplesmente ter perdido apenas uma. No entanto, os

pastores não pensam como os homens de negócios. Desse modo, ele saiu para procurá-la. Quando encontrou a ovelha, carregou-a de volta ao rebanho, cortou a melhor grama para alimentá-la e deu uma festa para comemorar.

A segunda festa ocorreu em uma outra residência. Uma dona de casa perdera uma moeda. Não era a sua única moeda, mas você até poderia pensar que sim, pela maneira como ela reagiu. Ela arrastou os móveis, tirou a poeira e varreu a casa inteira para ver se a encontrava. Quando achou a moeda, foi até a rua e chamou suas vizinhas para comemorarem juntas.

Bem..., chegamos à história do filho perdido. O rapaz que partiu o coração de seu pai ao pegar a sua parte da herança e sair de casa. Ele troca sua dignidade por uma garrafa de uísque, e seu respeito próprio por uma pocilga. De repente, a tristeza faz o mundo daquele rapaz desmoronar e ele, então, decide voltar para casa. Ele espera que seu pai lhe dê um emprego na fazenda e um quartinho nos fundos da casa. O que ele encontra é um pai que manteve à mesa o lugar do filho ausente e deixou a luz da varanda acesa todas as noites.

O pai está tão feliz por ver seu filho que você nem imagina o que ele fez. É isso mesmo! Ele dá uma festa! Nós, os filhos pródigos de hoje, gostamos muito de tal atitude, mas este ato também enfureceu o irmão mais velho.

"Ele se indignou" (v. 28). Não é difícil entender por quê. "Então é assim que uma pessoa é reconhecida nesta família? Ele fica bêbado, vai à falência e você dá uma festa?" Desse modo, ele fica do lado de fora da casa e faz beicinho.

Eu fiz isso uma vez. Fiz beicinho numa festa. Foi numa festa de Natal. Eu estava na 4ª série. As crianças nesta idade levam as festas muito a sério, especialmente quando há presentes envolvidos. Era

uma festa de amigo-oculto e, por isso, você precisava deixar claro para todos aquilo que você queria ganhar. Eu não perdi nenhuma oportunidade. Eu desejava ganhar o "Sexto Dedo". Era uma pistola de brinquedo que se encaixava na palma da mão e parecia com um sexto dedo. (Acredite, existia um brinquedo assim!)

Finalmente chegou o dia de trocarmos os presentes. Eu sabia que ia ganhar a minha pistola. Todos os meus colegas de classe tinham escutado as minhas dicas. Arranquei a fita do embrulho, rasguei todo o papel e... sabe o que era? Artigos de papelaria. Papéis e envelopes com cavalos desenhados nos cantos. Bah! Aquilo provavelmente tinha sobrado do Natal anterior. Meninos de 10 anos não escrevem cartas! O que aquela pessoa estava pensando? Estava na cara que alguma mãe esquecera de comprar o presente e, naquela manhã, foi até o armário procurar alguma coisa, e deu de cara com esse material de escritório.

Seria melhor se tivessem amarrado minhas mãos e meus pés, e me atirado no rio. Eu estava muito chateado. Estava irritado. Estava tão bravo que perdi a festa. Estava lá, mas fiz beicinho.

O irmão mais velho fez a mesma coisa. Ele também achou que era uma vítima da injustiça. Quando seu pai saiu para falar com ele, o filho começou a ler de alto a baixo a lista de atrocidades que sofreu em toda sua vida. As desgraças começaram no dia em que ele nasceu.

"Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado" (vv. 29,30).

Parece que os dois filhos passaram um tempo na pocilga. Um deles, no chiqueiro da rebelião e o outro no da autocomiseração. O mais novo voltou para casa. O mais velho não. Ele ainda estava no meio da lavagem. Ele está dizendo a mesma coisa que você disse

quando o seu vizinho ganhou uma bicicleta e você não. Isto não é justo!

Foi isso o que disse Wanda Holloway, da cidade de Channelview, no Texas. Quando parecia que sua filha de 14 anos não seria eleita chefe de torcida de sua escola, Wanda ficou muito brava. Ela decidiu ir à forra. Contratou um homem para matar a mãe da principal oponente de sua filha, na esperança de que entristeceria tanto a garota, que a sua filha seria incluída na equipe. A amargura pode fazer isso com você. Pode fazer com que você queime sua casa inteira para matar um rato.

Felizmente, seu plano fracassou e Wanda Holloway foi pega, e recebeu a sentença de 15 anos de prisão. Contudo, ela não precisava ser colocada atrás das grades para ser presa. A amargura era a sua própria prisão.

A verdade é que a amargura nega qualquer saída fácil. As bordas ficam escorregadias em virtude do ressentimento. Um lamaçal de ira faz com que os pés não se movam. O mau cheiro da traição enche o ar e irrita seus olhos. Uma nuvem de autocomiseração impede que se tenha visão da pequena saída que está acima de você.

Veja os prisioneiros. Vítimas estão acorrentadas às paredes. Vítimas de traição. Vítimas de abuso. Vítimas do governo, do sistema, dos militares, do mundo. Eles erguem suas correntes como erguem suas vozes e lamentam. Lamentam por um longo tempo, em alto e bom tom.

Eles murmuram. Estão irados com os outros que conseguem aquilo que eles não conseguiram.

Estão de mau humor. O mundo está contra eles.

Eles acusam. Eles usam fotografias de seus inimigos como alvo para lançar dardos.

Eles se vangloriam. “Fiz tudo de acordo com as regras. Joguei de maneira justa... na verdade, melhor do que qualquer outra pessoa”.

# ELE AINDA REMOVE PEDRAS

- Uma mulher adúltera.
- Um aleijado em desespero.
- Uma irmã presente num funeral.
- Um pai enfrentando uma emergência.

Estes acontecimentos não são apenas histórias da escola bíblica dominical. Também não são fábulas românticas. Estão longe de ser imagens vistas no fim do arco-íris. São momentos históricos nos quais um Deus real se viu diante de dores reais, de modo que nós pudéssemos responder à seguinte pergunta: "Onde está Deus quando sofremos?"

O escritor Max Lucado nos convida a rever essas histórias com ele, para que sejamos lembrados de que o Deus que falou no passado ainda fala hoje. Para sabermos que o Deus que perdoou continua perdoando. O Deus que veio ainda vem até nós. Ele veio ao nosso mundo. Veio para fazer aquilo que você não pode fazer. Deus veio para remover as pedras que você não consegue mover.

Ele ainda remove pedras.

ISBN 85-263-0543-3
9 788526 305434